

REPÚBLICAS ESTUDANTIS: A TRADIÇÃO COMO POTENCIALIDADE TURÍSTICA EM OURO PRETO (MG).

MORAES, CLAUDIA C. A¹. E MIRANDA, BRUNA P.²

Introdução

As repúblicas de Ouro Preto (MG), por meio da sua tradição, guardam a memória de uma cultura estudantil que iniciou-se no período medieval. Paradoxalmente, estas casas de tradição são lugares de inovação e dinamismo cultural na Ouro Preto clássica.

Uma das características principais das repúblicas ouropretanas é a sua continuidade por não se extinguirem ao término do curso, estão sempre se renovando com novos moradores e mantendo enlace com os que se graduaram. Os graduados, conhecidos como anciões, retornam nas festas como ritual de rememoração para manter viva sua “alma republicana”.

Este artigo analisa uma das manifestações culturais das repúblicas ouropretanas, a Festa do Doze, sob a ótica da cultura estudantil transformar-se em motivação turística.

As festas podem ser objetos de integração, socialização e rememoração. Em casos específicos, são capazes de reforçar e ajudar a manter as tradições de uma comunidade. A problemática desta pesquisa na contribuição da Festa do Doze para manutenção das tradições centenária das repúblicas ouropretanas. A existência desta festa está associada a visitação dos ex-moradores das repúblicas à Ouro Preto. Estes ex-moradores podem ser classificados como turistas culturais que se deslocam com a motivação de participar de eventos revivendo a vida universitária, estando com seus pares e mantendo a cultura republicana. A presença anual deste fluxo turístico aponta para uma motivação turística diferente da tradicional de Ouro Preto, ou seja, a visitação a patrimônios.

O procedimento metodológico desta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva. Pode ser classificada como um estudo exploratório que, segundo Theodorson e Theodorson (1970), é um estudo preliminar cujo objetivo principal é familiarizar-se

¹ Universidade Federal Fluminense – UFF, Núcleo T-Cult/UFF, Licenciada em História (Unicamp). Mestre em Turismo (USP), Doutoranda em Geografia (Unesp).

² Universidade Federal Fluminense – UFF, Núcleo T-Cult/UFF, Graduada em Turismo (UFF).

com um fenômeno que está a investigar, de modo que o estudo a seguir possa ter maior compreensão e precisão.

Para que a realização da pesquisa utilizou-se fonte de documentação indireta bibliográfica composta de livros, artigos científicos, artigos informativos e relatórios que tratam sobre Ouro Preto, turismo, eventos culturais e repúblicas. Também serviu de base referencial a monografia de Miranda (2011) sobre as Repúblicas de Ouro Preto. Os dados foram analisados visando à avaliação do pressuposto da Festa do Doze ser instrumento de perpetuação da cultura e motivadora do turismo.

As festas e a tradição republicana

Os eventos culturais podem ser definidos como “reuniões efêmeras, espaços e atos culturais planejados e motivados por expressões culturais de uma comunidade com fins comerciais ou sociais”. (MORAES, 2007). Os motivos pelos quais as pessoas se reúnem estão associados à troca cultural, perpetuação da cultura, a rememoração, a confraternização, o entretenimento e o consumo de mercadorias.

As festas podem ser consideradas como eventos culturais e também um dos universais da cultura. Para Durkeim (1968) e Freud (1974), as festas são um excesso permitido ou obrigatório, atreladas a função recreativa e libertadora, que podem tornar os povos mais dóceis uns com os outros, promovendo sociabilidade e fortalecendo as bases de uma sociedade (ROSSEAU, 1989).

Nesta socialização, as festas podem ter caráter dúbio, segundo Amaral (1998), marcando a cerimônia (forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Para Getz (2002), elas podem celebrar a própria comunidade e são criadas para dar ao público alguma coisa a ser compartilhada, unificá-lo e exaltar o orgulho comunitário.

Estas manifestações das comunidades apresentam como objeto central a cultura e a tradição. Nelas ocorrem a comunicação, a articulação da informação e do acervo que a tradição legou. A tradição trata-se de um conjunto de práticas de natureza simbólica com o objetivo de incorporar determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição em processo de continuidade ao passado. (HOBBSAWM e RANGER, 1984). A festa é um construto humano que se altera quando o comportamento humano é modificado em função de novas conjunturas, ocasionando

“nova tradição”. É o presente que motiva a existência da tradição, assim existe um dinamismo que necessita que a tradição seja re-elaborada ou re-inventada.

As festas comemorativas são reapropriações do passado, quando se reatualiza a memória coletiva para o momento atual. A memória coletiva, assim considerada, é um conjunto de representações nas quais o grupo se reflete como um sistema de inter-relações individuais (LAVABRE, 2006).

Esta celebração é sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo, lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado, cuja sua finalidade é a própria reunião ativa de seus participantes.

Em Ouro Preto, as repúblicas estudantis promovem eventos que estimulam o turismo. Um dos exemplos mais significativos é o carnaval, quando algumas das moradias estudantis organizam blocos carnavalescos, promovem festas e oferecem hospedagem em suas dependências. Outro exemplo é a já citada Festa do Doze (LIMA, 2007).

A Festa do Doze foi criada para comemorar o aniversário da Escola de Minas e Metalurgia da Universidade Federal de Ouro Preto - UFPO, em 12 de outubro. Inicialmente era realizada uma festa de confraternização de ex-alunos no Centro Acadêmico da Escola de Minas composta de um baile festivo e baile de gala.

O nome da festa é referência a data de aniversário da Escola de Minas. Atualmente não ocorre mais no Centro Acadêmico, mas nas repúblicas. São várias festas simultâneas com a presença de seus ex-moradores, amigos e turistas que participam de uma programação variada patrocinadas pelos ex-moradores. Embora se denomine Festa do Doze, referenciando-se a 12 de outubro, a festa pode durar uma semana inteira, dependendo do dia da semana que o feriado que comemora o dia de Nossa Senhora Aparecida ocorra. Para compartilhar de uma das festas é preciso ser membro, ex-morador ou convidado. Durante o período da festa, nos locais públicos, ocorrem shows como na Praça Tiradentes. Atualmente esta festa está no calendário de festividades de Minas Gerais.

A programação é diversificada dependendo de cada república, mas sempre há música em boates improvisadas nas salas ou porões com vários estilos musicais como *funk*, eletrônico, *dance*, axé, pop, rock e pagode. Algumas repúblicas contratam bandas

de pop rock. Na hora do churrasco quase sempre o estilo musical é sertanejo. O cardápio musical é muito eclético. A bebida principal é a cerveja e batidas e a comida churrasco ou almoço composto por feijão tropeiro, com vinagrete e feijoada.

Ouro Preto conta com mais de 400 repúblicas (NAJORP, 2009) e, de acordo com Machado (2007), as repúblicas de estudantes de Ouro Preto e Mariana – cidades que abrigam os cursos da UFOP – se distribuem como *Repúblicas Tradicionais*: Federais e Particulares acima de 15 anos e *Repúblicas Não Tradicionais*: Particulares abaixo de 15 anos e Compostas por membros de uma mesma família. Entre as 400 repúblicas, 72 são relacionadas diretamente a universidade.

A origem das acomodações estudantis datam da Idade Média com a fundação da Universidade de Bolonha, na Itália, em 1088. Naquela época, tais acomodações ainda não possuíam o caráter de república e mais se assemelhavam à pensões ou simplesmente se caracterizavam por cômodos ou casas alugadas. Foi em Coimbra que as moradias estudantis se consolidaram. (FERNANDES, 2003).

No Brasil, é plausível afirmar que as moradias estudantis se iniciaram com os primeiros cursos superiores do país, em 1808. No entanto, há poucos registros oficiais sobre o fato, provavelmente porque até então os estudantes somente alugavam moradias em caráter temporário, sem a intenção de mantê-las para outros estudantes no futuro.

Segundo Napolini (2008), com a criação da Faculdade de Direito de São Paulo em 1827, surgiram diversas moradias estudantis. Já segundo Sardi (2000), os primeiros registros oficiais de repúblicas estudantis no Brasil datam somente 1897, em Ouro Preto (MG), com a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte. Nesta transferência e declínio econômico de Ouro Preto, diversas casas foram abandonadas por seus proprietários que partiram para a Belo Horizonte. Alguns destes imóveis foram então tomados por estudantes da Escola de Farmácia e Escola de Minas de Ouro Preto que já reivindicavam moradias às suas instituições de ensino. A partir dos anos 1950, as citadas escolas iniciaram processo de arrendamento e integração dos casarões invadidos às instituições, para que estes pudessem servir oficialmente como moradia estudantil gratuita.

A república mais antiga de Ouro Preto, e provavelmente a mais antiga do Brasil se considerarmos apenas as que ainda estão vigente, é a República Castelo dos Nobres. Esta república pertencente à UFOP e foi fundada em 1919 por estudantes de engenharia

da Escola de Minas. Ela é mais antiga que a República Copacabana de Piracicaba (SP) de 1923 e de que Kágados de Coimbra, Portugal, de 1933. (*apud* MIRANDA, 2011).

Quanto ao termo “república”, tem origem do latim *res publica*, ou seja, coisa pública, que expressa a noção do bem público, do que é coletivo. No que se refere à utilização do termo para denominar as moradias estudantis há diversas suposições (SARDI, 2000 e REPOLÊS, 2007).

Além de Ouro Preto, outras cidades universitárias brasileiras também abrigam repúblicas estudantis que se mantêm ao longo dos anos, porém nenhuma com um contexto tão rico e envolvendo um número tão grande de repúblicas.

Viver em república é um grande aprendizado, pois são pessoas oriundas de lugares e costumes diferentes e precisam aprender a conviver em harmonia e tolerância com os demais estudantes.

Para garantir a manutenção, a perpetuação da cultura e da estrutura de cada casa por tantos anos, as repúblicas acabaram por estabelecer diversas medidas de gestão e até de regulação que proporciona condições de convivência. Em Ouro Preto, as repúblicas adotam dois tipos de gestão: o princípio da soberania e da hierarquia. Independente do tipo de gestão, as repúblicas de caráter público possuem Estatuto produzido pela UFOP, que rege as repúblicas de modo geral e delega a cada uma a própria gestão, a responsabilização pela manutenção e administração da mesma. Além do Estatuto, a UFOP as regulariza por meio de uma Cessão Onerosa, firmada entre a instituição e um morador eleito da república, para que este a represente oficialmente e assine o recebimento do imóvel cedido pela UFOP. Cada uma das repúblicas federais ainda conta com um regimento interno próprio com o intuito de oficializar suas diretrizes e orientar sua gestão. (LIMA, 2007).

Por seu caráter permanente, as repúblicas tradicionais ouropretanas são totalmente mobiliadas, com móveis adquiridos e mantidos ao longo dos anos de existência de cada casa. Incluem-se também todos eletrodomésticos e utensílios. Compreendem ainda o acervo da biblioteca com livros utilizados e doados, e o arquivo de “finas”, com trabalhos e provas, ambos acervos doados por ex-moradores, que auxiliam os atuais moradores no estudo para avaliações semelhantes. (LIMA, 2007).

Regras de convivência também fazem parte do sistema das repúblicas tradicionais de Ouro Preto. “Os equipamentos utilizados nos momentos de lazer, como

aparelhos de som e televisão, devem ser comunitários, expostos na sala e não nos quartos” (VISVANATHAN, *op.cit.*, s/p), em razão da socialização entre os moradores da casa, o que as fazem diferir de uma pensão, por exemplo. Ali todos fazem parte de uma família e, portanto, devem conviver como tal.

Para que as repúblicas tradicionais de Ouro Preto se mantenham ao longo dos anos com os mesmos princípios, há também um sistema pré-estabelecido de escolha dos futuros moradores da casa, na chamada “batalha de vaga”. Este processo de escolha do novo morador envolve várias ações que avaliam se o candidato possui perfil condizente com o da casa, se há afinidade e se o candidato demonstra preocupação e zelo pela moradia por meio de tarefas pré-determinadas. A escolha (aceitação) na maioria das casas deve ser unânime (SARDI, *op. cit.*).

Este processo muitas vezes é realizado colocando o candidato em situações bastante constrangedoras com o abuso de hierarquia, obrigando-os a prestarem serviços e atribuindo apelidos nem sempre agradáveis. Uma das ações que o estudante deve cumprir é carregar um cartaz de cerca de um metro quadrado com o “novo nome” durante meses. Outra é o concurso, o “Miss Bixo”, onde desfilam fantasiados e ensaiam alguma representação. (SARDI, *op. cit.*). Embora este *bullying* ocorra anualmente e é considerado “normal”, ser bixo é passar por um rito de passagem, carregado de ações nada éticas onde a dignidade da pessoa humana é violada com tais práticas incompatíveis com a democracia pregada pelas repúblicas.

Os antigos moradores são considerados, pelos estudantes, como irmãos anciões sendo agraciados com inúmeras homenagens e recebidos com muita festa quando para lá retornam. Os irmãos anciões, por sua vez, valorizam os bons cuidados com a casa pelos seus “sucessores”, realizando muitas vezes contribuições financeiras para maiores investimentos no “patrimônio da família”.

Nestes espaços criados pelos estudantes, desenvolveu-se uma cultura própria de relacionamentos e gestão das moradias que pode ser denominado “espírito republicano”, gerando uma espécie de “código estudantil de comportamento” para as repúblicas ouropretanas. Os republicanos tornam-se companheiros e se consideram “irmãos” em uma relação que se assemelha as confrarias. É comum que esta relação republicana exista por toda a vida e não somente no período em que habitaram a mesma casa “ [...] A elas, todos os ex-alunos desejam voltar para visitar e reviver, mesmo que por algumas

horas, toda aquela fase mágica que viveram ali, fundamental pela consolidação do próprio caráter e pelo nascimento das grandes amizades”. (QUEIROZ, 2010, p. 13).

Isso pode ser dito das repúblicas federais da UFOP, e até mesmo de diversas repúblicas particulares tradicionais, algumas com mais 40 anos de fundação, que, em geral, diferem das federais somente no que diz respeito aos encargos financeiros.

[...] há um verdadeiro “espírito republicano” que não é exclusivo das repúblicas federais. As particulares agem de forma semelhante, seguindo uma espécie de código estudantil de comportamento, existente apenas em Ouro Preto e em nenhum outro lugar do mundo. É muito difícil explicar, a quem não convive com a realidade de uma república ouropretana, o que realmente acontece dentro de uma delas. Tem-se ali, uma verdadeira confraria, onde se aplica, literalmente, a definição de “existir junto”. Os republicanos tornam-se verdadeiros companheiros e passam a considerar-se irmãos, não só no período em que moram juntos, mas, na maioria das vezes, pela vida afora. [...] A elas, todos os ex-alunos desejam voltar, para visitar e reviver, mesmo que por algumas horas, toda aquela fase mágica que viveram ali, fundamental pela consolidação do próprio caráter e pelo nascimento das grandes amizades. (QUEIROZ, 2010: 13)

Tal cenário torna-se ainda mais peculiar se avaliarmos algumas das tradições existentes em cada uma dessas moradias, a começar por suas denominações. Tanto em Coimbra quanto em Ouro Preto, as casas possuem nomes que foram dados por seus fundadores. Nomes estes nada convencionais, como, no caso de Coimbra: Ninho dos Matulões, República dos Inkas ou Trunfé-Kopos, e no caso de Ouro Preto: República Vira-Saia, Arca de Noé, Tabu, Pulgatório, Reino de Baco, ou até mesmo Necrotério.

As moradias mais tradicionais (tanto em Ouro Preto, como em Coimbra) possuem um símbolo, placa ou escudo de identificação pendurado em sua fachada, além de bandeira, e até mesmo hino. As repúblicas cultivam uma espécie de "patriotismo" seduzindo seus participantes, estimulando o orgulho de pertencer àquele grupo social (SARDI, 2000).

Queiroz (2010), morador da república Tabu, lembra que nas salas de todas as repúblicas ouropretanas, os ex-alunos ocupam um espaço de memória especial. Quadros com fotos dos formandos são pendurados nas paredes um ao lado do outro em ordem cronológica de formatura, para serem lembrados e ganharem respeito dos bixos. “Estarão sempre lá, mesmo depois que partirem dessa vida, a nos vigiarem e a incentivarem os alunos a perseguirem o objetivo da formatura até o fim” (QUEIROZ, 2010: 34).

Esta forma de viver de se relacionar forma laços entre as gerações que passaram por situações muito próximas.

Ouro Preto, após completar 300 anos vive um contraste. De um lado, a vida tradicional dos "nativos". Igrejas, barroco, rococó, Aleijadinho, os Inconfidentes e demais costumes de seus moradores. No outro extremo, a vida universitária. A agitação e toda irreverência dos estudantes. Quem ganha com este contraste é o turista, que ao visitar Ouro Preto nota a diferença entre o tradicional e o moderno, ou seja, as duas faces de uma cidade que se revela a cada esquina. (JACOBINA, 2002, s/p).

O contraste é evidente, e é justamente o que proporciona à cidade um de seus maiores diferenciais. A cultura estudantil, plena de vitalidade, dá dinamismo ao conservadorismo da cidade.

Dentro deste contexto pode-se entender a Festa do Doze como uma das manifestações para perpetuar a confraria estudantil e a cultura republicana.

Algumas considerações

Entre as motivações turísticas que envolvem as repúblicas o Carnaval é o período em que elas recebem mais visitantes. A participação das repúblicas na oferta de leitões para o turismo acontece em todas as épocas do ano, no entanto, no Carnaval o número é maior que os outros períodos. Isto ocorre pelo envolvimento das repúblicas neste evento por meio de seus blocos e festas. Os que participam destas festas, dos blocos e que se hospedam nas repúblicas são na maioria turistas seguido de ex-moradores, sendo o na Festa do Doze.

A pesquisa de Jaques (2006) sobre a hospedagem nas repúblicas ourpretanas corrobora o que foi descrito acima, apontando o carnaval como o período em mais oferecem hospedagem.

A Festa do Doze tem motivação bem diversa do Carnaval. Embora ambas recebam turistas e ex-moradores com programação variada, os ex-moradores têm motivos mais afetivos para frequentarem a Festa do Doze que o Carnaval.

No início, estas festas e eventos eram espontâneos e amadores, entretanto, as repúblicas têm se profissionalizado no ramo do turismo, o que vêm causando grande polêmica desde então. Estes eventos tomaram grandiosas proporções na medida em que se popularizaram entre seus visitantes. As repúblicas passaram então a obter

considerável lucro com a hospedagem de turistas e a adquirir caráter comercial. Fato este que tem contribuído para a manutenção dos antigos casarões, entretanto, em contraponto, modificou drasticamente o fluxo de turistas na cidade, que durante os eventos nas repúblicas compõem-se predominantemente por jovens em número massivo (MIRANDA, 2011).

A população local, ao perceber quão lucrativa e grandiosa esta atividade se tornara, passou a questioná-la. (SOALHEIRO, 2009). Em vista desta questão, a partir do ano de 2007, foram promovidas diversas audiências públicas para se discutir o impacto causado pela atuação turística das repúblicas na hotelaria, no comércio, na cultura e no patrimônio arquitetônico em Ouro Preto. (OURO PRETO, 2008).

Apesar do caráter comercial que os eventos das repúblicas vem adquirindo, a Festa do Doze é uma expressão cultural que provoca o sentimento de pertencimento e de perpetuação da irmandade nas repúblicas de Ouro Preto.

A tradição republicana ouropretana está sedimentada no princípio de soberania e democracia, na autogestão; nos estatutos que as regem, no caráter permanente da república no imóvel mantendo seus mobiliários e utensílios e a utilização comunitárias; no sistema pré-estabelecido de escolha dos futuros moradores da casa e a forma de incorporar os novos membros nas “confrarias”, na consideração que os membros das repúblicas tem pelos anciões oferecendo homenagens e mantendo sempre o contato, o uso de símbolos, placas ou escudo e a manutenção do nome original.

Além destas ações que são integradas, apontamos as festas e principalmente, a Festa do Doze, como mantenedora da tradição. Nesta festa, o encontro entre anciões e moradores celebram a própria comunidade que compartilham sua história, tradição, alegria e exaltam o orgulho comunitário (GETZ, 2002). Aqueles que já atingiram um grau profissional estimulam e apoiam os que ainda estão se preparando, e a presença nos lugares de origem de sua formação, os nutrem com um sentimento de pertencimento a um grupo, à uma tradição. Mantendo viva o acervo que a tradição legou e tornando-os orgulhosos desta, com a construção de um imaginário e significados que são celebrados na Festa do Doze.

A Festa do Doze tem esse caráter de tradição, de reapropriação do passado, onde o excesso é permitido e estes comportamentos promovem uma socialização, que ao

mesmo tempo que proporciona o entretenimento ajuda a manter viva a memória estudantil.

A rememoração é que traz o ancião à festa, mas é necessário pontuar que há uma grande diferença entre o fato ocorrido e o fato lembrado, pois lembrar é uma ação do presente com centelha de fatos passados, uma vez que os fatos não são vividos novamente. Eles são reinterpretados mediante o contexto em que as pessoas estão inseridas, descartando assim elementos que não são considerados pertinentes para essa nova conjuntura.

No caso do objeto deste estudo, pode-se citar a memória involuntária em Proust (1980) com uma ocorrência. Ela aponta para a possibilidade de aceder ao essencial. Isto se produz graças à reminiscência; a associação de sensações pela memória involuntária que nos transporta além do presente a um passado, provocando uma imensa alegria. Esta memória possibilita recuperar o tempo, numa instância atemporal que permite superar o presente e nos instalarmos em *outro tempo*.

É esse o principal motivo do retorno dos anciões na Festa do Doze. O retorno à vida estudantil o revitaliza, mas é importante ressaltar que a cultura republicana por várias maneiras os mantém vivos em suas homenagens e respeito. Todos que passaram pelas repúblicas um dia serão anciões e poderão ter as mesmas atitudes que os atuais anciões.

Com esta dinâmica criada, a Festa do Doze passa a ser uma motivação turística em Ouro Preto, que pode ser classificada como de socibilização e de pertencimento. Este tipo de motivação está associada aos que viajam para visitar parentes, amigos e conhecidos e os que viajam em busca de suas origens. Do mesmo modo que se viaja para comemorar o aniversário de alguém, o casamento ou para a cerimônia de passamento de um amigo ou familiar, viaja-se também para confraternizar-se com pessoas que possuam as mesmas “origens” de formação profissional.

Em pesquisa realizada em 2009 pelo Ministério do Turismo sobre o comportamento do consumidor, pode-se aferir que apenas 3,9% apontaram “rever familiares/amigos” como o principal motivo da escolha do destino turístico, o que pode ser considerado uma motivação de pouca expressividade numérica no contexto geral das motivações.

Estas reuniões comemorativas não são exclusivas da UFOP, mas a diferença que se observa em Ouro Preto é a dimensão e o envolvimento das repúblicas nestas manifestações e a onipresença dos veteranos no dia-a-dia e na memória das repúblicas.

Na análise das motivações a Festa do Doze, estas são inseridas em participar de eventos de uma maneira geral o que dificulta sua mensuração e análise pela falta de especificidade. É ainda pouco conhecida esta motivação e com este artigo espera-se que haja um despertar para mais pesquisas sobre estes turistas e também sobre a vivência universitária e seus legados. Este estudo de caráter exploratório inicia um refletir sobre o turismo como forma de auxiliar a preservação da cultura imaterial e material.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. **Festa à Baiana**: sentidos do festejar no país que não é sério. Disponível em <<http://aguaforte.com/antropologia/festabrasileira/festa>> acessado em 02 nov de 2009;

DURKEIM, Emile. *Les formes elementaires de la ie religieuse*. Paris: Press Universitaires de France, 1968.

FERNANDES, Cláudia; CLARO, David; VEIGA, Margarida. **A vida dos estudantes universitários na Idade Média**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/medieval/estudantes/index.htm>>. Acesso em: 25 out. 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: VXXI/Imago, 1974.

FRIAS, Anibal. A Universidade e as Repúblicas de estudantes de Coimbra. In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana**: Trajetórias e Importância. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GETZ, Donald. O evento turístico e o dilema da autenticidade. In THEOBALD, Willian (org). **Turismo global**. São Paulo: Senac, 2001.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JACOBINA, Emanuel. **Coração de Estudante**. Rede Globo, 2002. Telenovela.

JAQUES, Mariana Alves. **Perfil dos turistas e escolhas do destino e do meio de hospedagem**: um estudo de caso na cidade de Ouro Preto/MG. Trabalho de Conclusão

de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. 2006.

LIMA, Lucas Passos de. **O perfil sócio-econômico do turista que participa do carnaval em república federal e suas motivações**: estudo de caso Bloco das “Lajes”. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. 2007.

MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana**: trajetórias e importância. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO . Pesquisa hábitos e consumo do turismo brasileiro. Disponível em < http://200.143.12.93/dadosfatos/demanda_turistica/pesquisa_habitos/ > Acessado em 20 jan 2011.

MIRANDA, Bruna P. **República de estudantes com meios de hospedagem**: o caso de Ouro Preto. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

MORAES, Cláudia. **História do Brasil**. Material para o ensino a distância do Curso de Turismo da Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB, 2003.

NAJOP. Disponível em: <<http://www.najop.ufop.br/index.php/projeto-republicas>> Acesso em 15 fev. 2011.

NASPOLINI, Rodrigo Benedet. **As primeiras faculdades de Direito**: São Paulo e Recife. Florianópolis: 10 mai. 2008. Disponível em: <<http://www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/historia-do-direito/5-as-primeiras-faculdades-de-direito-sao-paulo-e-recife.html>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

PROUST, Marcel. *En busca del tiempo perdido. 7. El tiempo recuperado*. Madrid: Alianza Editorial, 1980

QUEIROZ, Hélcio; QUERASIAN, Marta. **República Tabu**: 60 anos muito bem vividos. Ouro Preto: República Tabu, 2010.

REPOLÊS, Maria Fernanda S. Início de pesquisa nas repúblicas de Ouro Preto: Como funcionam as relações de poder? In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana**: trajetórias e importância. Recife: Universidade Federal de

ROSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: UNB; São Paulo: Ática, 1989.

SARDI, Jaime A. *Virtù et appetitus*: aprendendo a conviver com o prazer. In: MACHADO, Otávio Luiz (Org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Trajetórias e Importância**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007

SOALHEIRO, Marco Antonio. Repúblicas promovem festa com estrutura “empresarial”, mas não agradam a todos. **Agência Brasil**: Empresa Brasil de Comunicação, Brasília, 22 fev. 2009. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/arquivo/node/345198>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

THEODORSON, G.A; THEODORSON, A.G. **A modern dictionary of sociology**. New York: Crowell, 1970

UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Resolução nº 779, de 25 de agosto de 2006. Aprova o Estatuto das Residências Estudantis em Ouro Preto. **Conselho Universitário [da Universidade Federal de Ouro Preto]**, Ouro Preto, 25 ago. 2006.

VISVANATHAN, Christianne. **Como funcionam as repúblicas de estudantes**. São Paulo: 12 de jun. 2008. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/republicas2.htm>>. Acesso em: 18 out. 2010.